

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 245
 Data 27 de novembro de 1978 Pg.: _____

Emancipação do índio

78 - 27.11.78

O índio jamais foi entrave ao progresso. Ao contrário, nunca o brasileiro teve a preocupação e o zelo de observar que parte da nossa aculturação dependeu orgulhosamente deles, e ainda há muitos aspectos que poderiam nos servir de exemplo e lição de vida, ou seja, todo o seu comportamento social, hábitos, costumes e tradições e, o que é mais importante, a harmonia com o meio-ambiente que perdemos a cada dia.

Discordo que as autoridades pretendam integrá-lo a um processo civilizado, que considero produto de consumo de uma sociedade já marcada por vícios tecnocratas e indivíduos sem escrúpulos, que somente visam ao lucro, sem nunca imaginar o mal que poderão causar ao ser humano. Apesar da admiração que tenho pelo Ministro Rangel Reis, nunca vou compreender sua posição favorável no chamado processo de emancipação o índio, que é das mais absurdas.

O processo regular antropológico da mudança de estágios — passagem do primitivismo para a civilização — requer um período evolutivo significativo, que acontece através dos tempos e das necessidades do grupo. No Brasil, está-se fazendo exatamente o contrário: a sociedade de consumo pretende integrar o nosso índio, a qualquer custo, a um mundo que se diz moderno, sem o mínimo de bom senso e respeito à dignidade humana. Os índios têm suas leis, suas filosofias, seus conceitos morais e espirituais, portanto, não necessitam de aculturação deturpada.

Os jornais não cansam de publicar textos sobre a Funai, sua situação funcional, de forma negativa. Qual é a função da Funai? Será que é a de comercializar o índio, as terras do índio, seu espaço, seu habitat? A Funai é uma Fundação para proteção dos direitos dos índios ou uma entidade comercial intermediária? Gostaria de saber por que grupos econômicos têm tanta foça para mudar a consecução de um trabalho tão bem intencionado. Vou torcer para que o bom senso das autoridades possa modificar esse panorama dramático do indígena brasileiro. José Anildo da Silva — Rio de Janeiro.